

***Devir, devéns, devamos brincar:
a criança e a infância na poesia de Adão Ventura***

Gustavo Tanus¹

Convites para brincar

Formiguinha de Angola como brinca.
Vem brincar.
(Cantiga de Vunji²).

Começamos este ensaio justificando a proposta, em começar pelo posto no título, que será nosso modo de contemplação da obra do poeta Adão Ventura. Como ponto de partida, saímos com a obra infantil, para retomar a leitura da sua obra completa, a perceber como esse livro traz considerações importantes para o olhar dos outros livros do poeta, escritos para adultos. Essa escolha diz respeito a uma estratégia de leitura de trazer para o conhecimento da crítica e da recepção, essa obra produzida para as crianças, como uma possibilidade de releitura da obra completa, e, de certa maneira, buscando realizar um primeiro ensaio de crítica dessa incursão de Adão Ventura na escrita endereçada a esse público em formação.

Para tanto, realizamos atos brincantes de leitura poética, para os quais as localizações dos entendimentos sobre o devir, e os devires, devem-se necessárias. Após isso, passaremos pela representação da infância e da criança na obra, e seus interlocutores adultos; para depois, fabular uma interpretação à luz do único livro infantil do poeta, *Pó-de-mico, macaco de circo*. Nosso passo será o de ler esse livro infantil como metáfora da própria escrita literária, observando como, ao mesmo tempo, ele se faz possibilitador do devir-criança, bastante representativo de uma das rítmicas da obra do poeta, para uma leitura brincante em voo sobre sua obra completa, esta que sairá, em antologia, que já se encontra preparada por nós, para a republicação.

O poeta brincando na ciranda do tempo

¹ Doutor em Estudos da Linguagem / Literatura Comparada (UFRN), com intercâmbio na Faculdade de Educação (FaE) da UFMG. Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UFMG), tendo atuado na Formação Intercultural de Educadores Indígenas (FaE/UFMG). Pesquisador e integrante da comissão editorial do literafro, Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA/Faculdade de Letras/UFMG).

² Na cosmogonia da tradição cultural afro-brasileira de origem banto, são divindades crianças, que representam, segundo Pedro Henrique Silva (2015), a alegria, a inocência da infância, e representam a mediação da relação entre os *nkisi* e o *muzenza*, isto é, entre as outras divindades e o iniciado. A palavra advém do kimbundu, *nvunji*, que significa inocência (ASSIS JUNIOR, 1941). Comumente são confundidos com os “Erês”, que são a manifestação da nossa energia infantil, da inocência e singeleza, a retomar brincadeiras e divertimentos, e que se relacionam às divindades. Há, ainda, no Brasil, as divindades, Ibejis, em iorubá, que são as divindades crianças da nação Ketu.

Adão Ventura Ferreira dos Reis nasceu no dia 5 de julho de 1939, na cidade de Santo Antônio do Itambé, antigo distrito da cidade do Serro; cidade que faz parte do Vale do Jequitinhonha. Nesta localidade, viveu até o início da juventude, cujas experiências e vivências importantes foram poeticamente trabalhadas em seus textos. Filho de Sebastiana de José Teodoro e de José Ferreira dos Reis, neto dos avós paternos Seu Teodoro Ferreira dos Reis e Dona Justina Maria de Jesus, e maternos, Seu José Mariano de Souza e Dona Raimunda Paulina de Souza, radicou-se na cidade de Belo Horizonte, para estudar Direito na UFMG, onde se graduou em 1971.

Como estudante, o poeta publicou seus primeiros poemas na *Revista Literária* do Corpo Discente da UFMG, onde recebera sua primeira premiação, com os “Poemas Móveis a) A cama”. No *Suplemento Literário do Minas Gerais*, criado, em 1966, pelo escritor Murilo Rubião, trabalhou como jornalista e redator, participando da chamada “Geração Suplemento”. Apesar desta participação, Adão não teve, como nos mostrou seus documentos do arquivo pessoal, e mesmo seus passos nas edições em corda bamba do campo editorial, numa rede de relações literárias (SOUZA, 2017).

Em 1970, em meio à ditadura civil-militar brasileira, publicou o seu primeiro livro de poemas, *Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul*. Livro este pouco e mal lido, talvez por estruturar uma composição em prosa poética bem elaborada, cuja estruturação ainda não teve uma leitura dedicada a perceber as complexidades que o texto realiza. Ainda na década de 1970, foi para os Estados Unidos, lecionar literatura, onde assuntou as questões raciais dos negros estadunidenses, o que o fez qualificar ainda mais as suas táticas de visibilização poética da racialização brasileira. Em 1972, venceu o grande prêmio de literatura Cidade de Belo Horizonte, com o livro que publicaria em 1975, intitulado *As musculaturas do arco do triunfo*, obra que contempla uma construção poética tão elaborada quanto a do primeiro livro, no entanto, a trabalhar, desta vez, mais diretamente das estruturas, a perceber, delas, o racismo como construto da nossa sociedade.

Em 1980, consagrou a nós leitores duas obras, *Jequitinhonha: poemas do Vale* e *A cor da pele*, que possuem uma poética mais direta, com outros planos criativos, que, pela fatura dos ritmos e dos conteúdos, foi considerado, por uma crítica temerosa de enfrentar os primeiros livros, como seu momento de assunção da cor da pele. No meio desta década, o poeta lançou o livro infantil, que é como nos localizaremos diante da obra, neste nosso ensaio.

Em 1992, publica seu quinto livro, *texturaafro*, que continua a tática poética de versos mais curtos e diretos, alinhavados poemas como fios de uma tecitura³ cultural entre o ser negro, as vidas vividas e sofridas, nos contextos da racialização brasileira, em resistência e luta. Em 2002, lançou seu último livro em vida, o *Litanias de cão*. Nesse livro, o poeta apresentou as tantas formas de violência do nosso contemporâneo, desde a impingida aos corpos, à episteme, pelas políticas que vieram atualizando e reproduzindo seus modos de jugo e coação contra os sujeitos ditos minoritários.

O poeta itambeano recebeu, em vida diversas premiações, pelo apuro de sua produção, porém não o tanto quanto merecia. A triste interrupção – da vida, da literatura, em vida literária precária, de poucos leitores, de uma ocupação a qual não conseguira, por impedimentos dos quais a racialização é propulsora, uma plenitude de seu ofício – teve falecimento precoce, aos 64 anos, que o realizou na transformação em ancestral, um nosso mais velho, a quem reverenciamos por suas escolhas, seus passos, seus caminhos, em sua poética; como nos disse Édimo de Almeida Pereira (2010), em reconhecimento dos aspectos estéticos da obra do poeta que apresenta a diversidade como um eixo.

Como uma voz potente na poesia brasileira contemporânea, o poeta compôs versos publicados nos seis livros de poemas, além do referido livro infantil, *Pó-de-mico, Macaco de circo* [198-] que ainda hoje não possui nenhuma crítica. Este é um livro de edição própria, que não teve, por isso, uma grande circulação, e merece ser republicado, assim como toda sua obra, que transitou entre autopublicação e publicação em editoras que mesmo sendo grandes casas editoras, não realizou uma festa de lançamento e circulação, que a obra merecia.

Devir, devéns: de vir a ver as primeiras brincadeiras

Não é a criança que se torna adulto, é o devir-criança que faz uma juventude universal. (Gilles Deleuze e Félix Guattari, 1997, p. 69).

Brincamos com o “devir”, esse entendimento que, grosso modo, é compreendido como mudança, movimento, em produção de algo novo, que é nossa proposta diante da obra. Como devires, o plural mais circulante desse conceito, brincamos o convite de vir a ver; e do plural mais incomum, o devéns, que é convite para uma recepção coletiva da obra, em que véns, leitores, a

³ A-notamos com “c”, contrariando o uso corriqueiro com dois “ésses”, por conta da concordância com os questionamentos da pesquisadora Mariana do Carmo (2023) que, em sua pesquisa, realizou escolha lexical simbolicamente transgressora. “Tessitura”, assim grafado, advém da tardia variação importada do italiano, o verbo “tessere”, como organização das seções da música religiosa. “Tecitura”, mesmo por sua baixa ocorrência, parece mais interessante, como ato simbólico dos nossos posicionamentos com relação às escolhas lexicais.

preenchermos o que devemos realizar, que é a celebração da poética de Adão Ventura, em leitura e diálogo com os textos. O devir é visto como uma espécie de portal, não sendo correspondência de relações, ou semelhança, imitação ou identificação (DELEUZE; GUATTARI, 1997), dele decorre de afetos e encontros, que, como movimentação de um vir-a-ser, direciona-se a processos e ritmos. Deste termo, devir, cujo plural mais comum é “devires”, utilizamos o “devéns”. Assim, na brincadeira com a palavra e seus plurais, do convite geral feito de vir a ver, à realização direta de um convite a “tu”, que lê este ensaio e vens para a nova interpretação, para a qual devemos mobilizar o devir-criança.

Daí que nossa proposta é retomarmos a brincadeira com os livros de poemas, usando o livro infantil como proposta de releitura, porque as leituras brincantes, as que realizamos com olhares curiosos, o que, no nosso caso, não significa uma regressão a estágios infantis, tampouco uma imitação de comportamentos dessa fase de vida, mas, modificados pela leitura do livro infantil, reatar com as potências de ser-criança, em seus comportamentos brincantes, das descobertas, dos aprendizados, em capacidade de percepção poética dos afetos em construções das relações, que a obra semeia.

Assim, de modo diferente da “infantilização”, que tem contornos de uma condição de vida que é movida pela busca repetida pelo desejo e pela desresponsabilidade, algo tão atual em nossa sociedade de patriotas; a “infancialização”⁴ se apresenta como perspectiva que buscamos ser importante para todos nós, tem a ver com um modo de vida poética, e mobilizadora de afetos. Essa infantilização paira na nossa sociedade, como um efeito de uma vida adulta que tem acampado em frente a quartéis para não se responsabilizar pelos nossos problemas sociais, das desigualdades, das injustiças, do racismo. Em relação às literaturas, embora tantos esforços nossos, desde o pessoal das pedagogias, quanto nós, das letras, a academia insiste em se relacionar numa compreensão da literatura infantil, em contornos rasos de uma dita menoridade dos textos endereçados à recepção infantil (SOUZA, 2023), pois fabula a criança sob a ideia da incapacidade, para a qual respondem com alterações redutoras, dos ritmos, das sintaxes e das ideias, a fim de tornar legível e palatável os textos, como se esses sujeitos não fossem capazes de se debruçarem em complexidades próprias para o momento da vida em que estão. E é algo

⁴ O professor Walter Omar Kohan (2005) aponta o uso de “infantilizar”, citando outros termos, como “meninar; devir crianceiro; crianceirar; devir-infantil e tantas outras”, estes de Sandra Corazza (2003, 2004, trabalhos citados pelo professor), que escapam do uso pejorativo do infantilizar.

análogo a essa infantilização que tem parecido orientar a incapacidade de uma crítica reler os livros do poeta.

Devéns a ver o jogo poético na obra de Adão Ventura

Difícil falar de um poeta que é tristemente pouco lido, pela crítica, sem apresentação dos seus livros. Então, a gente vai perfazer esse caminho, num tipo de leitura brincante, que escapa das armadilhas gestadas por uma crítica que lê apenas um único livro. A primeira dessas armadilhas é o estabelecimento de um momento/livro em que o poeta teria assumido sua identidade como poeta negro, pedra de toque de uma crítica tradicional, em relação ao seu projeto poético, de voos e caminhadas transtemporais.

Da escrita poética, em sua composição, são mobilizados afetos que contribuem para a travessia a novos devires, com os quais relacionamos o conceito de **escrita exuziaca**(, do poeta paraibano Arnaldo Xavier (1986). Este poeta elaborou cinco conceitos no ensaio intitulado “DHA LAMBA À QVIZILA – A BUSCA DHE HVMA EXPRESSÃO LITERÁRIA NEGRA” – publicado no livro *Criação crioula, nu elefante branco* (1986) – que é um anti-tratado poético, contra a tradição dos tratados artísticos eurocentrados, a propor uma filosofia da linguagem, para a expressão negra, para a literatura negro-brasileira.

Estes conceitos são: sentido **quizilista**(, o qual vemos como inconformidade diante da noção estreita de linguagem e seus usos; o gesto (**xangótico**), esta divindade que, no panteão iorubano, é a responsável pela execução da justiça, cujo processo se dá pelas crianças, os Ibejis (usamos a base cultural que embasou a criação teórica do poeta), que representa a escuta dos dois lados das histórias. Vejamos que é interessante uma ideia de justiça de olhos abertos, porque assim são vistas as desigualdades da justiça; a sugestão **ebólica**(, que é a sacralização do cotidiano; a careta (**quilombística**), em construções de identidades de/em resistências, e a escrita **exuziaca**(; conceitos que viemos trabalhando, Pedro Henrique e eu, desde 2012, mas pelo espaço disponível para este ensaio, apresentamos a nossa leitura deste último.

Os dois primeiros livros são, como dito, livros de um hermetismo que, à primeira vista, e por isso, foi lido em leituras rápidas como sendo “surrealista”, pela inabilidade em não assuntar as nossas ações e movimentos poéticos sem lentes importadas. Sem tais lentes, esses livros estão mais para a percepção de tantas “sobrerrealidades do sul”, nas violências da modernidade, das colonialidades, do racismo, efeito-causa da aventura colonial europeia, em apresentação disso tudo, por meio das “maravilhas do real” (SOUZA, 2023).

Diante da matéria poética apresentada do primeiro livro, a voz poética constrói interplanos poéticos, por um tecido construído por uma sucessão de acontecimentos, em uma “escrita exuzíaca”, no sentido de transitar temporalidades, interferindo nas causalidades mal entendidas como acontecidos naturais, e olha e dança diante dos sentidos cotidianos, a perceber as formas de construção e manutenção do poder, das violências, das opressões, do racismo. Com isso, são apontadas as complexidades das relações, que são e estão nos modos de se relacionar, que são inter-feridos pelos processos de racialização, e as responsabilidades dos sujeitos concretos. Com isso, em um olhar constelar, essa voz poética, uma espécie de um narrador poético, atala lampes de acontecimentos individuais, findos e findáveis, numa cadência prosaica em que apresenta o que chamamos de “sobre-realidades do sul”, estas que se espargem, em afastamentos, para além das preditas surrealidades europeias, que foram trazidas, pela crítica, para tentar compreender o texto.

Assim, na impossibilidade de bem ler esses livros, partiu-se para os considerados de “mais fáceis leituras”, porque possuem táticas poéticas mais diretas, portanto, lido erroneamente por ela como uma descoberta do momento em que o poeta teria “assumido” a cor da pele. Em *Jequitinhonha: poemas do Vale* (1980; 1997), o poeta perfaz um retorno à sua terra natal e às culturas afromineiras, no *A cor da pele* (1980), renitente ainda único livro lido, sob à ideia rasa da assunção, são apresentadas poeticamente o processo de racialização e seus efeitos, os quais a voz poética critica, adiantando questões que nos são caras, hoje, no contemporâneo. Nele, ainda há a realização da conexão com os ancestrais – que brilha da voz poética seu estado de mais novo –, a perceber, por sua experiência individual, as vivências e experiências coletivas de resistência às violências e em busca da liberdade. Em *texturaafro*, de 1992, são poetizadas as contexturas das belezas e potências das culturas negras em face de tantas violências. No último livro autoral publicado em vida, *Litanias de cão*, de 2002, as litanias são as violências políticas em geral, dos sujeitos, comuns, conhecidos, indivíduos e coletivos.

Devemos brincar

Vunji Pafundi, Vunji’e!

A infância está presente na obra de vários escritores, poetas, seja na poetização dos lugares de vivência e experiência, em recordações, mormente nostálgicas, desse tempo lúdico, de tantas descobertas e transformações. No caso de Adão Ventura, isso não é diferente. Porém, o modo como isso se realizou é modificador das formas usuais, tanto pelo fato de ele ter considerado o

diálogo realizado por uma persona importante, que é a figura do Iam, o palhaço, no *Jequitinonha* (1980). Com essa personalidade, o poeta transformou a matéria vivida “contraimaginando” e também “reimaginando” (SOUZA, 2023) a vida, as infâncias, a vivida, revivida pela/na matéria poética, que foram e são infâncias revividas por outras crianças, as que estão nessa fase, a quem cabe o endereçamento do seu livro infantil e as que nós, leitores e leitoras, fomos no passado. Assim, os companheiros das brincadeiras e dos jogos transtemporais.

O que temos, nas outras obras, são histórias contadas, verdades múltiplas, linguagens diversas, em poéticas e estéticas, como nos apresentou. E, ali, a infância é o momento de tantas descobertas, e não apenas as alegres, que são as mais produtivas nas obras infantis em geral. Como podemos ver no recorte do poema “idade para a sombra”:

[...] um dia eu fora menino e senti o meu corpo livre penetrar no mundo; as pessoas olhando-nos dissecaram-me de olhos duros, perdidos de existir.” mas uma passagem havia ficado em nós: a passagem que leva de encontro à parede, a passagem que martiriza para o medo. “restavam os bichos; a gente poderia ser bicho: os bichos não apodrecem tão facilmente como os homens, os bichos não possuem árvores genealógicas, nem livros de linhagens, eles se vestem de acordo com os espécimes, suas roupas nunca mancham, nunca deformam e são previamente encolhidas. (VENTURA, 1970, não paginado).

Há, ainda, a percepção da infância como um momento livre a penetrar no mundo, diante das aprendizagens sobre os emparedamentos; momento de assuntar poeticamente a vida, juntamente com o processo de “aprender”, pela experimentação, as violências. Como dito nos versos recortados:

[...] as cadeiras se alinhavam em posições contrárias e eram cobertas pelas sombras periódicas dos meninos adormecidos de esquecimentos. § nas profundezas do rosto as lágrimas são velhas e se apodrecem de medo (VENTURA, 1970, poema “apontamentos para Lygia – I”, não paginado).

[...] os meus dentes estão circundados por pedras — eles sofrem pressões de mil montanhas e caos: façamos papa-ventos de cinzas — assim redescobriremos as noites suspensas: na infância (VENTURA, 1970, poema “passagem”, não paginado).

Nesse livro, em trânsito, a voz poética e sua companheira tratam das violências, das agressões, do poder repressivo (lembrando a data de escrita do texto, em plena ditadura civil-militar), trata da colonização, igualmente das linhagens, castas, classes, o racismo e seus efeitos, como a invisibilidade, o emparedamento, os quais se tornam visíveis e são discutidos pela diferença que os trânsitos temporais permitem à voz poética perceber o acontecimento que compele os sujeitos às perdas, aos esquecimentos.

O segundo livro, *As musculaturas do Arco do Triunfo* (1975), apresenta, ainda, uma poética “difícil”, para quem adentra versos buscando linearidades. Nela, vemos a poetização de eventos acontecidos em um tempo mítico, tendo, como protagonista que transita esses tempos, Hagbe. Diante da violência das guerras, “as crianças esperavam a oportunidade de consultar as suas máquinas fabricadoras de arco-íris” (VENTURA, 1975, não paginado). No entanto, as crianças servem de comida para os cavalos do mercador de Memphis [Tennessee, mercado de escravizados], os cavalos eram alimentados, como cantado no poema “de algumas das manias de um rico mercador de memphis” (VENTURA, 1975 não paginado), por “pequeninos corpos de anjos, os expulsos da terra”. Nas poesias em prosa desse segundo livro são narrados poeticamente os ciclos de existência, geracionais, que tratam da convivência entre coletivos, estes que gestaram os “arcos do triunfo”, que são monumentos erigidos em comemoração da vitória, isto é, da exploração, da colonização, em aniquilação do considerado outro (SOUZA, 2017; SOUZA, 2023). Nesse livro são desnaturalizados o racismo e o preconceito, que atravessam os tempos e são partes estruturantes das musculaturas da nossa sociedade.

Em *Jequitinhonha: poemas do Vale* (1980, 1997⁵) são cantados os estados de um menino, que transita, de acordo com os contextos e experiências, entre situações de “menino lerdo / num lençol de embira / mesmo qu’ma fonte / de estimada ira”, a lama, a cápsula e “menino-corpo / de machado e chão / a arrastar cueiros / de chistes e trovão”, suas formações de vida. No livro *texturaafro*, o poema “Menino de rua” apresenta a criança em situação de rua, “ou talvez Zumbi”, em resistência em seu quilombo em meio ao ambiente urbano, “[...] no pega da polícia / no foge/rock / das esquinas” (1992, não paginado; 2010, p. 21).

Na seleta de poemas publicados na antologia *Sinopse* (1995), a infância é parte das homenagens que o poeta realizou. Nesta, para seu pai, tropeiro, que havia falecido, poetizou sobre a morte como o retorno do pai à própria infância, em que, “novamente menino, / descalço, chapeuzinho de palha, / aguilhada na mão / a se encontrar / com seu Teodoro da Fazenda”, avô do poeta (VENTURA, 1995, p. 31). Ainda, há a republicação do poema “Panorâmicas drummondianas”, celebração do menino que fora Carlos Drummond, na celebração dos oitenta anos do poeta, consagração que desata o menino das fotografias, como parte da vida.

Últimas brincadeiras

⁵ Na primeira edição, o poema chama-se “Natal II”, que aponta para uma leitura específica dessa festa religiosa cristã; já, na segunda edição, é reintitulado como “Ladainha”, e como tal, reapresenta-se como louvação, que redimensiona a relação do menino com o mundo, em seus estados e suas formações.

Para finalizar a brincadeira, pelo que motivou seu início, a escrita para crianças, seu livro infantil, como dito, é o *Pó-de-mico, macaco de circo*, data provável entre os anos de 1984 e 1985, é uma autopublicação, numa edição possível, que pouco circulou, e não possui nenhuma fortuna crítica, até então. Em leitura desse livro, o entendemos como metáfora importante para a própria escrita literária, ao mesmo tempo em que ele é possibilitador do devir-criança, bastante representativo, como vimos, de uma das facetas da obra do poeta, no brincar com as palavras, com os ritmos, com as normas da escrita (lembrando que ele nos primeiros livros escreve subvertendo-as, porém, passou despercebido, já que trouxe uma matéria poética de altíssimo apuro).

Nessa experiência de escrita para as crianças narra poeticamente a chegada do circo na cidade e os preparativos para a apresentação do espetáculo. Para acontecer há uma série de atividades a serem realizadas, como o arranjo espacial e a arquitetura da edificação, da escolha do terreno, à montagem da arquibancada; o remendo da lona; a preparação da roupa do palhaço; a busca pela plateia pela divulgação na rua, entre as rimas do palhaço e a música; até o esperado dia em que o palhaço entra em cena. E não é que tais preparativos se assemelham às movimentações que realizamos para a escrita, até a publicação e a leitura do texto poético?

Interessante essa aproximação do circo e da figura do palhaço. O circo é um mundo mágico, cheio de fantasias, de encanto, de sonho e mistério. Mágico, porque ele é lúdico, nos faz recordar que ainda existe, em cada adulto, um pouco daquela criança que já fomos, de querer brincar e superar obstáculos. Iam, o palhaço, este que integra um dos interlocutores da voz poética no livro adulto *Jequitinhonha* (1980), canta a cultura das cidades do interior, os outros modos de relações humanas, diferente da capital, em que “tudo parece falso – plastificado, até o amor” (1980; 1997).

E não é que o palhaço, atuando, fazendo pilhérias e momices, diverte as crianças, é que a vida, às vezes “tem muita coisa de circo [...] capaz de fazer sorrisos / em um rosto triste” (VENTURA, 1997, não paginado). Para nós adultos, formados por afetos e devires, suas graças nos vestem a fantasia, possibilitando rearmos laços com a nossa infância perdida, ao mesmo tempo podemos voltar a rasgar da fantasia a expressão das nossas irracionalidades humanas adultas, confundidas com coisas sérias, a observar nossa perda do sonho, da magia, do encanto; em contestar dos ordenamentos do poder, que são as matérias poéticas da obra de Adão Ventura.

Referências

ASSIS JUNIOR, António de. **Dicionário Kimbundu-Português**: Linguístico, Botânico, Histórico e Corográfico seguido de um índice alfabético dos nomes próprios. Luanda: Argente, Santos e Comp. Ltda., 1941.

CARMO, Mariana Moreira do. **Pesqurevivência exuzilhística, uma experimentação contracolonialista que (con)funde o corpus e os corpos**: diálogos com Júlio Emílio Braz, pelas obras, *Zumbi, o despertar da liberdade* e *Na cor da pele*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, v. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: 34, 1997.

KOHAN, Walter Omar. A infância da Educação: o conceito devir-criança. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, 31 dez. 2005.

PEREIRA, Édimo de Almeida. **Metamorfoses do abutre**: a diversidade como eixo na poética de Adão Ventura. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

SILVA, Pedro Henrique Souza da. Erê mí: A infância afrodescendente em Os Ibejis e o carnaval. **literafro**, UFMG, 2015.

SOUZA, Gustavo Tanus Cesário de. **Constelações do poeta negro**: imagens de Adão Ventura no arquivo literário. 2017. 203 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SOUZA, Gustavo Tanus Cesário de. **O universo e as estrelas em literaturas infantil e juvenil**: caminhos discursivos das literaturas negro-brasileira e indígena. 444 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

VENTURA, Adão. **A cor da pele**. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1980. (poemas).

VENTURA, Adão. **Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul**. Capa de Sebastião Nunes. Belo Horizonte: Edições Oficina, [1970]. (poética em prosa).

VENTURA, Adão. Adão Ventura [Seleção de poemas]. TORRES, Wagner (Org.). **Signopse**: a poesia na virada do século. Belo Horizonte: Plurart's, 1995. p. 7-31.

VENTURA, Adão. **As musculaturas do arco do triunfo**. [Capa de Sebastião Nunes. Ilustrações de James Scliar]. Belo Horizonte: Comunicação, [1975]. (poética em prosa).

VENTURA, Adão. Belo Horizonte: **Jequitinhonha**: poemas. 2. ed. rev. e ampli. Belo Horizonte: Mulheres Emergentes Edições Alternativas, 1997. (poemas).

VENTURA, Adão. **Jequitinhonha**: poemas do Vale. Belo Horizonte: Coordenadoria de Cultura do Estado de Minas Gerais, 1980. (poemas).

VENTURA, Adão. **Litanias de cão**. Belo Horizonte: Edição do autor, 2002. (poemas).

VENTURA, Adão. **Pó-de-mico de macaco de circo**. Belo Horizonte: Edição do autor, [198-].

VENTURA, Adão. **texturaafro**. [Desenho da capa de Jorge dos Anjos]. Belo Horizonte: Lê, 1992. (poemas).

VENTURA, Adão. **texturaafro**. Imagens de Naide Cardoso. 2. ed. Belo Horizonte: Lê, 2010. (poemas).

XAVIER, Arnaldo. Dha lamba à qvizila – a busca dhe hvma expressão literária negra. In: ALVES, Miriam, CUTI, Luiz Silva, XAVIER, Arnaldo (Org.). **Criação crioula, nu elefante branco**. São Paulo: Secretaria do Estado de Cultura / Imprensa Oficial, 1986. p. 89-98.